

Paz e multipolarismo: para uma nova cooperação internacionalista

A dissolução do bloco socialista na Europa de Leste e o conseqüente fim da divisão do mundo em dois blocos contrapostos não levou ao "fim da história" tão apregoado. O conflito de classes continua a agir em vários níveis: para além do nível dos géneros (ainda muitas vezes subestimado), desenvolve-se no interior do estado nacional através da contradição capital-trabalho, bem como a nível internacional. E é este último aspeto que se tornou, na determinada fase histórica, o processo principal e que vê o seu eixo prioritário no choque entre países do centro imperialista e países periféricos. Nesta área, os comunistas em particular, devem saber distinguir-se claramente.

A configuração internacional está a viver uma histórica transformação: a tendência de externalização dos processos de acumulação de capital, desde o epicentro ocidental para os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul) e outros países emergentes, bem como a progressiva aproximação geo-política destes países, estão a redimensionar consideravelmente a capacidade do pólo imperialista atlântico para garantir a sua posição hegemônica à escala mundial.

As respostas mais frequentemente violentas por parte dos Estados Unidos e dos seus aliados da União Europeia a tendência de transição para o multipolarismo se expressam através da guerra económica contra os BRICS (da qual as sanções comerciais contra a Rússia são um exemplo claro), da sucessão de guerras e operações de desestabilização contra governos soberanos e progressistas, tanto no Médio Oriente como na América Latina.

Tais mudanças globais têm o efeito de agravar ulteriormente a luta de classes dentro do continente europeu. Essa é conduzida pelo aparelho institucional específico da UE, determinado por interesses económicos transnacionais, o que impõe formas oligárquicas que restringem a democracia e aumentam o controlo social e a repressão contra as classes trabalhadoras. Tudo isso se encontra junto com a aceleração do processo de concentração da riqueza para cima, e o crescente empobrecimento para baixo, agravado pela migração de carácter de massa, explorada pela burguesia e o patronato para seus interesses de classe, nutrindo uma "guerra entre os pobres" ao interno das mesmas classes subordinadas.

Dotando-se duma própria coordenação supranacional, o capital tem marginalizado o papel dos Estados-nação, com o propósito de submeter novamente as instâncias de trabalho que, justamente dentro dos parâmetros das nações, tinham atingido o máximo das suas forças. Instâncias do trabalho que por agora têm sido incapazes de conduzir uma batalha comum de carácter supranacional.

Diante de um cenário internacional de conflitualidade crescente, a transição pacífica para uma ordem mundial multipolar assume hoje, para nós comunistas, um carácter prioritário. Neste sentido, consideramos a luta contra a NATO como central, em cada país de acordo com as suas modalidades: Itália com o objetivo de sair; Suíça com aquele de interromper a cooperação.

Diante da tragédia da migração, consideramos que convém superar a mera piedade e o discurso banalmente humanitário e caritativo, com o qual parte da esquerda aborda o fenómeno, de modo perdedor, consolidando como alternativa uma análise de classe que reconheça o seu ponto fulcral na prática anti-imperialista e na cooperação comercial e produtiva com os países de origem.

Em antagonismo convencido contra a UE, nós respondemos com uma aproximação dos povos e das economias nacionais baseada nos princípios da soberania, da independência, da reciprocidade, do não-alinhamento e de relações multilaterais entre países soberanos. Damos também toda a sua importância à aproximação entre os Partidos e organizações progressistas, longe de formalismo e liturgias que ainda hoje, em vez de unidade, criam mal-entendidos entre organizações, que, ainda que de maneiras diferentes, se baseiam no socialismo científico, e que, trabalhando a nível nacional, possam formar uma coordenação a nível supranacional com base nos princípios acima enunciados.



Partido Comunista (Suíça)
Alessandro Lucchini
Responsável Dpt. Cooperação Internacional

Partido Comunista Italiano - PCI
Fosco Giannini
Responsável Dpt. Relações Exteriores

